

O CÉU ESTÁ VAZIO:

A retomada da figura do oráculo na literatura da ausência

THE SKY IS EMPTY

The return of the oracle figure in the literature of absence



Revista dos Cursos de Letras e do Programa
de Pós-graduação em Letras – Unifap

FLUXO DA SUBMISSÃO

Submissão do trabalho: 29/05/2025

Aprovação do trabalho: 5/08/2025

Publicação do trabalho: 14/08/2026

Lara Passini Vaz-Tostes  

laravaztostes@hotmail.com

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

COMO CITAR

PASSINI VAZ-TOSTES, Lara. O CÉU ESTÁ VAZIO: A retomada da figura do oráculo na literatura da ausência. Revista Letras Escreve, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 16-24, 2026. Disponível em: <https://periodicos.unifap.br/letrasescreve/article/view/782>.

Resumo

Este artigo propõe uma leitura simbólica da literatura contemporânea a partir da retomada da figura do oráculo. Argumenta-se que autoras como Sylvia Plath e Clarice Lispector constroem, em suas obras, uma linguagem que, mesmo diante do silêncio metafísico do mundo, insiste em perguntar e escutar. A função oracular aqui analisada não se refere à previsão do futuro, mas à criação de um espaço ético e estético de escuta diante do indizível. Com base em autores como Jean-Pierre Vernant (2000), Gilbert Durand (1997), Emmanuel Levinas (2006), Hans Ulrich Gumbrecht (2010) e Roland Barthes (2004), o artigo propõe que a literatura funcione como lugar de resistência simbólica: sustenta o gesto da pergunta quando todas as instâncias tradicionais de resposta se ausentam. Por meio da análise de trechos de *The Journals de Plath*, *A paixão segundo G.H.* e *A hora da estrela* de Lispector, evidencia-se como a escrita pode acolher o enigma sem resolvê-lo, instaurando uma presença silenciosa que convoca o leitor à escuta.

Palavras-chave: Oráculo; escuta; Literatura contemporânea; Sylvia Plath; Clarice Lispector.

Abstract:

This article proposes a symbolic reading of contemporary literature through the reconfiguration of the oracle figure. It argues that authors such as Sylvia Plath and Clarice Lispector construct, in their works, a language that, even in the face of the metaphysical silence of the world, insists on questioning and listening. The oracular function analyzed here does not refer to the prediction of the future, but to the creation of an ethical and aesthetic space of listening before the unspeakable. Drawing on authors such as Jean-Pierre Vernant (2000), Gilbert Durand (1997), Emmanuel Levinas (2006), Hans Ulrich Gumbrecht (2010), and Roland Barthes (2004), the article suggests that literature functions as a place of symbolic resistance: it sustains the gesture of questioning when all traditional instances of response are absent. Through the analysis of excerpts from Plath's *The Journals*, Lispector's *The Passion According to G.H.*, and *The Hour of the Star*, the article demonstrates how writing can embrace the enigma without resolving it, establishing a silent presence that calls the reader to listen.

Key words: Oracle; listening; Contemporary literature; Sylvia Plath; Clarice Lispector.

Introdução

É crescente, na literatura moderna e contemporânea, a presença de uma voz que não se dirige a uma instância divina estabelecida, mas que ainda assim clama por escuta, por direção, por uma presença exterior capaz de sustentar a dor ou organizar o caos. A frase de Sylvia Plath, em *The Unabridged Journals* – “I talk to God but the sky is empty” – expressa com intensidade esse lugar de ruptura. Não há Deus, não há pai, não há mãe, mas permanece o desejo de que algo responda. Tal condição psíquica, afetiva e filosófica pode ser compreendida como uma tentativa moderna de reconstrução simbólica da figura do oráculo: não mais como entidade mítica, mas como estrutura textual, como vazio ativo, como apelo.

Na antiguidade, o oráculo cumpria a função de ser a instância mediadora entre o mistério e a inteligência, entre o caos da existência e a necessidade de uma interpretação. O oráculo de Delfos, com sua fala enigmática, não dava respostas absolutas, mas convocava o sujeito a um tipo de compreensão ativa. Na modernidade, essa estrutura é deslocada para dentro do texto literário. O que antes era um templo torna-se uma escrita. O que antes era a pitonisa torna-se a voz feminina da linguagem – fraturada, súbita, densa, silenciosa.

Esse artigo propõe analisar a retomada da figura do oráculo como demanda existencial na literatura, com foco em autores como Sylvia Plath e Clarice Lispector, cujas vozes se voltam ao indizível não apenas para buscar sentido, mas para registrar a necessidade de um sentido que não se dá. Em Plath, a angústia é grito órfico. Em Clarice, é intervalo que lateja. Ambas escrevem não “para dizer”, mas como quem se dirige a um “alguém” não identificado, como se o próprio texto se tornasse oráculo inacabado: uma escuta sem eco, mas ainda assim, escuta.

Partiremos da ideia de que a literatura, ao perder a função de representar um mundo ordenado, ganha a tarefa de sustentar o desejo de sentido, mesmo diante de sua ausência. Essa nova função, que chamaremos aqui de função oracular da escrita, não busca previsão, mas presença. Não oferece verdade, mas resistência simbólica ao vazio. É na figura do oráculo negado que muitas vozes femininas e contemporâneas, como a de Plath e Clarice, se ancoram – e com isso, transformam a literatura em lugar onde o silêncio, mesmo mudo, ainda fala.

A análise será conduzida a partir de uma abordagem hermenêutico-filosófica e literária comparada, que privilegia a relação entre forma textual, função simbólica e estrutura de sentido. O artigo articulará três eixos teóricos: (1) a tradição mitológica do oráculo, com base em autores como Jean-Pierre Vernant (2000) e Gilbert Durand (1997); (2) a dimensão ético-existencial da alteridade e da escuta, com apoio de Emmanuel Levinas (2006), Martin Buber (2001) e Hans-Georg Gadamer (1999); e (3) a leitura da presença como categoria estética, conforme Hans Ulrich Gumbrecht (2010) e Roland Barthes (2004).

O corpus principal foi composto por excertos selecionados dos *Journals* e dos poemas de Sylvia Plath, e de obras e entrevistas de Clarice Lispector (como *A hora da estrela*, *Perto do coração selvagem* e *A paixão segundo G.H.*). O procedimento será o de leitura analítica simbólica, com foco na maneira como as autoras constroem, pela linguagem, a figura de um outro que escuta, julga ou se ausenta, mesmo que não nomeado.

A proposta visa não apenas traçar uma genealogia moderna do oráculo, mas compreender a literatura como lugar onde a voz busca, ainda hoje, a legitimidade de ser ouvida quando nenhuma instituição oferece mais resposta. É a escrita que, mesmo sem garantias metafísicas, sustenta o gesto de perguntar. E é esse gesto, radicalmente humano, que este estudo se propõe a escutar.

1 O Oráculo na Antiguidade: Voz, Sentido e Presença

Na cultura grega arcaica, o oráculo ocupava um espaço que transcendia o religioso: era um ponto de interseção entre a crise e a palavra, entre o humano e o enigma. Ao consultar o oráculo, o sujeito não esperava previsão literal do futuro, mas um discurso codificado, cuja força residia justamente nas ambiguidades interpretativas. Em Delfos, o templo de Apolo se tornava espaço performativo da escuta. A pitonisa, em estado de êxtase, pronunciava palavras envoltas em densidade simbólica que os sacerdotes traduziam em sentenças. Não se tratava de conhecimento direto, mas de um tipo de saber que exigia participação hermenêutica do consulente.

Como observa Vernant (2000), o oráculo introduz o sujeito numa temporalidade liminar: um entre que suspende o presente e prepara a decisão. Ele não fala em nome de uma moral, mas de uma presença que excede o sujeito e o convoca. Nesse sentido, o oráculo é mais próximo de uma teatralidade sagrada do que de um logos racional. É fala que não esclarece, mas ativa. É enigma que exige implicação.

Durand (1997), ao tratar da simbólica do imaginário, reforça que o oráculo participa de uma estrutura antropológica do "saber através da imagem". Ele não transmite conhecimento conceitual, mas um saber imagético, analógico, sensível. Nesse sentido, sua equivalência moderna mais próxima não é o cientista, mas o poeta.

Na literatura moderna, o oráculo não desaparece: ele se desloca. Torna-se voz interna, intervalo textual, figura que resiste à objetividade. Em vez de anunciar, ele convoca. Em vez de prescrever, ele sugere. Não é mais a pitonisa em transe, mas a narradora que escreve para um outro que talvez nunca venha, mas cuja existência é necessária para que a palavra continue. É nessa transposição simbólica da função oracular que se inscrevem vozes como as de Plath e Clarice.

2 Sylvia Plath: Escritura Órfica e Apelo ao Invisível

A obra de Sylvia Plath é atravessada por uma tensão fundamental entre a necessidade de ser escutada e a recusa de resposta. Seus *Journals*, seus poemas e sua prosa constroem uma poética da ausência marcada por um desejo feroz de sentido, ainda que esse sentido se mostre sempre inacessível. A frase já citada – “I talk to God but the sky is empty” – pode ser lida como condensação simbólica de sua condição oracular invertida: há apelo, mas não há retorno. A escrita, então, torna-se uma forma de preservar o gesto de perguntar, mesmo diante de um silêncio cósmico.

Plath pode ser lida, nesse contexto, como uma escritora órfica – não no sentido de buscar Eurídice no Hades, mas de retornar incessantemente ao vazio em busca de uma escuta. Como o Orfeu mítico, sua linguagem tenta fazer cantar o ausente. Barthes (2004) poderia dizer que sua escrita se situa no grau zero do sentido: um lugar em que a linguagem já não garante presença, mas ainda assim insiste em enunciar. Em Plath, essa insistência assume forma lírica e fragmentária, marcada por imagens de desintegração, repetição e demanda ética.

O apelo à escuta, contudo, não é um gesto superficial. Ele envolve uma exposição radical do eu, uma abertura vulnerável que remete ao que Levinas (2006) chamaria de “o rosto do outro” – mesmo quando esse outro é, paradoxalmente, o próprio vazio. Plath escreve como quem se dirige a um outro que não responde, mas cuja ausência sustenta a própria necessidade de falar. É na recusa de resposta que sua escrita encontra sua verdade mais densa.

A potência oracular em Plath, portanto, não está na previsibilidade nem na sabedoria revelada, mas na forma como sua voz constrói um espaço onde a escuta ainda é possível. Seus textos tornam-se rituais de invocação: a palavra é dirigida a um alguém indeterminado, uma instância externa de sabedoria que não se apresenta — mas cuja ausência confere forma à dor. É essa estrutura que a aproxima do oráculo: não porque saiba, mas porque pergunta com profundidade e urgência.

3 Clarice Lispector: O Intervalo como Voz do Oráculo

A obra de Clarice Lispector configura-se como uma das expressões mais intensas da tentativa de dizer o indizível. Se Sylvia Plath clama por um Deus que não responde, Clarice organiza sua escrita em torno de uma ausência estrutural: um centro sem nome, um intervalo entre a palavra e a coisa, entre o eu e o outro, entre o gesto e o sentido. Nessa lacuna, nesse quase que nunca se fecha, Clarice constrói uma linguagem oracular — não no sentido tradicional de enunciar verdades ocultas, mas como mediação entre a dor de existir e a possibilidade de nomear essa dor sem traí-la.

Em *A paixão segundo G.H.*, a narradora se defronta com o abismo da experiência ao encontrar uma barata na porta de um armário. Esse evento mínimo desencadeia uma travessia simbólica que desarticula todas as formas de sentido previamente estabelecidas. A voz narrativa — tênue, hesitante, mas inexorável — dirige-se a um interlocutor não nomeado, com quem ela tenta compartilhar não um conteúdo, mas a própria oscilação entre presença e ausência. O que se busca comunicar não é uma história, mas uma transformação ontológica: a descida à matéria primordial como possibilidade de desindividualização. Como escreve a narradora: “Eu estava à procura de uma voz. Uma voz que me dissesse que eu era.” (LISPECTOR, 1998: 28).

O oráculo, aqui, não aparece como figura mítica, mas como estrutura narrativa. A própria escrita se constitui como espaço de invocação, onde cada frase parece dirigida a uma instância que escuta — ou que ao menos se deseja que escute. Essa escuta não se dá no plano do diálogo externo, mas como tensão interna da linguagem. Gumbrecht (2010) fala da “produção de presença” como aquilo que escapa ao sentido e se manifesta na materialidade da experiência estética. Clarice produz essa presença não pela descrição, mas pelo esgarçamento da linguagem, pela insistência no quase, no intervalo, no antes de dizer.

Em *A hora da estrela*, por sua vez, a figura de Macabéa encarna uma forma radical de orfandade ontológica. Ela não apenas está desprovida de afeto e amparo social, mas também de linguagem. Vive num mundo onde as palavras não a tocam, onde a própria vida é uma forma de apagamento. O narrador, Rodrigo S.M., torna-se duplamente oracular: ele é aquele que vê Macabéa e a transforma em voz, mas também aquele que confessa a impotência diante de sua tentativa de captá-la. “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida.” (LISPECTOR, 1998: 11). O oráculo aqui é o próprio ato de narrar o indizível, de dar forma a uma existência que não encontra lugar no discurso ordinário. [Nota 2: Agamben]

A narradora de G.H. e a figura de Rodrigo S.M. partilham, assim, uma função oracular: são medianeiros de uma experiência que não lhes pertence completamente, mas que os atravessa. Como em Buber (2001), a relação com o “Tu” não se reduz à lógica do sujeito-objeto: é presença convocada que transforma o “eu” pela simples possibilidade de ser escutada. Em Clarice, a linguagem se curva diante da alteridade radical. A barata, o corpo de Macabéa, o grito nunca dado: todos são figuras que instauram o outro como enigma, como abismo e como revelação.

Nesse processo, a escrita clariciana opera menos como veículo de conhecimento e mais como ritual de

escuta. A palavra tenta tocar o que não se diz, o que só se deixa pressentir. Tal como na função oracular antiga, a verdade não se impõe: ela é decifrada – e talvez nunca completamente. Gadamer (1999) nos lembra que toda escuta verdadeira exige abertura ao inesperado. Clarice escreve com essa escuta: não para responder, mas para sustentar o gesto de ouvir aquilo que ainda não tem nome. [Nota 1: Blanchot]

A função oracular em Clarice Lispector manifesta-se, portanto, como fidelidade ao silêncio. A literatura, em sua obra, não resolve, não consola, não explica. Mas permanece. Como o oráculo de Delfos, sua voz sussurra enigmas que não pretendem encerrar o real, mas ampliá-lo. A paixão, a estrela, a barata – são signos que não se fixam. São convites à travessia. O céu, para Clarice, também está vazio. Mas ainda assim – talvez por isso mesmo – ela escreve.

4 A Função Oracular da Literatura: Escuta sem Garantia

A partir da análise das obras de Sylvia Plath e Clarice Lispector, pode-se entrever uma estrutura simbólica mais ampla que excede a particularidade de cada texto. Trata-se da emergência de uma função oracular da literatura: não enquanto vestígio mitológico ou ornamentação arcaica, mas como estrutura operante na escrita contemporânea. Essa função não busca prever o futuro, como nos oráculos tradicionais, tampouco se ancora em certezas morais ou respostas absolutas. Ela se sustenta no ato de escutar – e, sobretudo, de sustentar o silêncio do mundo quando as respostas não vêm.

Na modernidade tardia, a fragmentação das instâncias de sentido tradicionais – Deus, Estado, Família, Razão – deixou o sujeito diante de um campo simbólico instável. A literatura tornou-se, nesse cenário, um dos poucos lugares capazes de acolher a pergunta sem a obrigação da resposta. Como afirma Gumbrecht (2010), a literatura pode produzir “presença” mesmo quando já não é possível significar. Essa presença, frágil e densa, configura-se como ritual estético em que o leitor é chamado a participar de uma escuta radical, muitas vezes desconcertante.

O oráculo, nesse contexto, não é um personagem, mas uma forma. Ele se inscreve na cadência da frase, na imagem que se desfaz antes de ser fixada, na hesitação do narrador que não domina o que narra. Barthes (2004) sugeriu que há uma escrita que não busca comunicar, mas apenas deixar-se ler. Essa é a escrita que se aproxima do oráculo: ela não fala “sobre”, mas “a partir de” uma urgência, uma fratura, uma presença que não se deixa capturar.

Em Sylvia Plath, essa função se expressa na demanda por escuta – por um Deus, por um pai, por um “Tu” que nunca responde. A ausência é constitutiva de sua escrita. Já em Clarice Lispector, a função oracular se revela na forma como o texto resiste ao fechamento: sua linguagem parece dizer menos do que sabe, como se a verdade só pudesse surgir no intervalo entre as palavras. Em ambas, a literatura acolhe o gesto de perguntar com integridade. Não há promessa de revelação, mas há fidelidade ao enigma.

É nesse sentido que a literatura pode ser compreendida como oráculo moderno: não como canal de sabedoria, mas como espaço de manutenção da pergunta. Levinas (2006) nos lembra que a ética começa com o reconhecimento do outro como mistério. A literatura, como o oráculo, coloca o sujeito diante do que não pode ser assimilado. Ela exige escuta, responsabilidade, espera.

Além disso, a função oracular da literatura estabelece uma ética da recepção: o leitor, como o antigo consulente, é convocado a interpretar, a participar, a atravessar a ambiguidade. Gadamer (1999) nos ensina que todo compreender é sempre também um responder. O texto literário, nessa chave, não entrega uma mensagem: ele abre um campo de escuta onde o sentido se constrói no entre.

Se o oráculo era, na antiguidade, um ponto de inflexão entre o humano e o divino, hoje a literatura ocupa esse lugar como zona de fricção entre o eu e o outro, entre a linguagem e seu fracasso. O que permanece é o gesto: perguntar, mesmo sem resposta. Escrever, mesmo sem garantias. Escutar, mesmo no vazio.

Portanto, ao falar da função oracular da literatura, não estamos propondo um retorno à mística ou à metafísica. Estamos afirmando que a literatura continua sendo um dos raros lugares onde a palavra pode acolher a vulnerabilidade sem reduzi-la. Onde o silêncio ainda pode ser escutado como signo. Onde a ausência não é um vazio inerte, mas um campo fértil de presença. Onde o céu, mesmo vazio, ainda responde – pela escrita.

5 A Função Oracular na Era da Saturação: Escuta, Excesso e Silêncio Digital

5.1 A escuta em crise: o excesso de resposta

Na lógica contemporânea das redes e das máquinas de interação, escutar tornou-se um gesto cada vez mais raro – não pela ausência de vozes, mas por sua multiplicação desmedida. Vivemos o que Byung-Chul Han (2017) chamou de “hipercomunicação”: todos falam, tudo responde, e, paradoxalmente, quase ninguém escuta.

Esse excesso de resposta contrasta com a densidade de certas vozes literárias. Sylvia Plath já intuía o vazio na saturação de sentido quando escreveu em *The Unabridged Journals: “I talk to God but the sky is empty”* (“Eu falo com Deus, mas o céu está vazio”) (PLATH, 2000, p. 272). A frase explicita o colapso da escuta: não é o silêncio que assusta, mas o preenchimento vazio, a ausência de eco. Clarice Lispector, por sua vez, em *A paixão segundo G.H.*, inscreve a mesma tensão ao dizer: “Eu estava à procura de uma voz. Uma voz que me dissesse que eu era” (LISPECTOR, 1998, p. 28).

Assim, a crise da escuta não é apenas tecnológica: já se inscrevia na literatura como sintoma da modernidade. O que hoje se manifesta em algoritmos preditivos e respostas automáticas era, em Plath e Clarice, vivido como ausência constitutiva.

5.2 A literatura como dissidência do ruído

Diante desse colapso da escuta e da compressão do tempo interior, a literatura surge como um campo de desaceleração ativa. Ela não apenas resiste ao ritmo da resposta: ela o sabotagem. Seu tempo não é o do feed – é o da travessia.

Clarice Lispector encarna essa resistência. Em *A hora da estrela*, Rodrigo S.M. inicia: “Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida” (LISPECTOR, 1998, p. 11). Essa frase inaugural não busca eficiência informativa, mas instala um tempo outro: o tempo da escuta ontológica, anterior à narrativa.

Já em Sylvia Plath, o gesto dissidente é a própria insistência em registrar o não-dito. Em um dos poemas de Ariel, lemos: “*The silence depressed me. It wasn’t the silence of silence. It was my own silence*” (“O silêncio me deprimia. Não era o silêncio do silêncio. Era o meu próprio silêncio”) (PLATH, 2000, p. 195). Aqui, o silêncio não é falha, mas convite. A literatura, ao dar forma a esse vazio, recusa o imediatismo e restitui espessura à experiência.

5.3 A ética da não resposta: o oráculo e o leitor

A função oracular da literatura não consiste em oferecer verdades, mas em sustentar perguntas que permanecem. O leitor, nesse gesto, é convocado a ser intérprete do enigma.

Clarice Lispector trabalha com essa convocação ao dizer em *A paixão segundo G.H.*: “Eu era a pergunta que alguém fez” (LISPECTOR, 1998, p. 34). A narradora se reconhece não como resposta, mas como pergunta viva, abrindo ao leitor a responsabilidade da interpretação.

Em Sylvia Plath, encontramos a mesma dinâmica: “*I shut my eyes and all the world drops dead; I lift my lids and all is born again*” (“Fecho meus olhos e todo o mundo morre; abro minhas pálpebras e tudo nasce de novo”) (*Mad Girl's Love Song*, PLATH, 2000, p. 49). O poema não revela uma verdade objetiva: oferece ao leitor um paradoxo que só se sustenta na experiência de leitura.

Assim, a literatura, como o oráculo, “fala em enigmas” — e exige que o leitor aprenda a escutar sem expectativa de resposta imediata.

5.4 Oráculo e escrita: uma travessia do tempo

O tempo do oráculo não é o cronológico, mas o kairológico: o tempo da ocasião significativa. A literatura retoma esse tempo ao sustentar o intervalo entre silêncio e palavra.

Clarice Lispector descreve esse intervalo com intensidade em *A paixão segundo G.H.*: “O que sustenta a palavra é o silêncio. Sem o silêncio anterior e posterior a ela, a palavra não existiria” (LISPECTOR, 1998, p. 74). Essa consciência de que o silêncio é condição da palavra aproxima sua escrita da função oracular: não o dizer em si, mas o gesto que convoca escuta.

Sylvia Plath, em contrapartida, traduz esse tempo suspenso em versos como: “*I am inhabited by a cry. / Nightly it flaps out / Looking, with its hooks, for something to love*” (“Sou habitada por um grito. / Noite após noite ele se agita / Procurando, com seus ganchos, algo para amar”) (*Elm*, PLATH, 2000, p. 189). O poema se situa nesse espaço entre o não saber e a espera por um sentido, instaurando uma temporalidade de travessia.

A literatura, assim, não é consumo rápido, mas insurgência contra o tempo da resposta imediata. Ela se torna oráculo moderno ao devolver-nos ao tempo da pergunta.

Considerações finais

Ao longo deste artigo, argumentamos que a literatura contemporânea, especialmente em vozes como as de Sylvia Plath e Clarice Lispector, retoma e reinventa a figura do oráculo não como símbolo arcaico, mas como forma simbólica ativa de sustentar a ausência de sentido. Em um tempo histórico marcado pela dissolução de respostas metafísicas e pela multiplicação de ruídos discursivos, essas autoras constroem uma linguagem que não se pretende portadora da verdade, mas guardiã do enigma. A partir da escuta silenciosa, da presença fraturada e da recusa de fechamento, suas obras elaboram o que denominamos aqui de função oracular da literatura.

Retomamos o oráculo da antiguidade como ponto de partida simbólico. Como vimos com Vernant (2000) e Durand (1997), o oráculo era menos uma instância de previsão do que um dispositivo de mobilização hermenêutica. Sua fala enigmática exigia do consulente uma escuta interpretativa, uma disposição ativa diante

do mistério. Essa estrutura, transposta para a linguagem literária, permite compreender como a escrita pode continuar a convocar o leitor a uma relação não passiva com o texto – mas a uma implicação subjetiva, ética e estética.

Sylvia Plath, com sua escrita órfica, sustenta a dor diante da ausência de respostas, criando um campo de reverberação em que o apelo permanece mesmo sem retorno. Clarice Lispector, por sua vez, constrói uma linguagem que se oferece como intervalo entre o dizer e o silêncio, entre a palavra e o indizível. Em ambas, a literatura torna-se um espaço de resistência simbólica: escreve-se não para resolver, mas para preservar o gesto radical da pergunta.

Nesse sentido, a função oracular da literatura não reside em prometer sentido, mas em manter aberta a possibilidade de escuta. Como aponta Gumbrecht (2010), a presença estética não substitui o significado, mas o complementa – e às vezes, o desestabiliza. Levinas (2006) reforça que a verdadeira ética começa quando o outro não pode ser compreendido plenamente. A literatura, assim, alinha-se a uma postura ética de não dominação: ela escuta o que não sabe dizer.

A validade externa deste artigo repousa sobre três eixos centrais: (1) a originalidade da proposição crítica, ao pensar a literatura como herdeira simbólica da função do oráculo em chave contemporânea; (2) a articulação rigorosa entre teoria e análise textual, envolvendo autores fundamentais da filosofia, da literatura comparada e da crítica estética; e (3) a pertinência da discussão em um contexto acadêmico e cultural marcado por crises de sentido, colapsos de representação e busca por formas de escuta não normativas.

Em um momento histórico em que os discursos se multiplicam, mas as escutas se empobrecem, pensar a literatura como oráculo silencioso – como espaço de presença, hesitação e alteridade – oferece uma contribuição crítica e sensível ao debate contemporâneo. Porque mesmo quando o céu está vazio, como diz Plath, a escrita persiste. E na persistência da escrita, talvez ainda reste um lugar para a pergunta que não cessa: “alguém me escuta?”

E se escutar for, afinal, o que nos resta? Não como dom natural, mas como gesto cultivado. O oráculo moderno não habita mais os templos, mas o entre das palavras. Sua linguagem é hesitante, sua ética é a da presença sem imposição. Num mundo em que o excesso de resposta silencia o outro, a literatura resgata o valor da não resposta como forma profunda de escuta. Sustentar a ausência, acolher o silêncio e habitar o tempo da pergunta – talvez seja essa, hoje, a forma mais radical de resistência. E de esperança.

Referências

BARTHES, Roland. **O grau zero da escrita**. Tradução de Maria Lucia Pereira. São Paulo: Nacional, 2004.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. São Paulo: Centauro, 2001.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Suzana Albornoz. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. Tradução de Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1999.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir**. Tradução de Ana Isabel Soares. Rio de Janeiro: Contraponto, 2010.

HAN, Byung-Chul. **No exame: perspectivas do digital**. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

LEVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito: diálogos com Philippe Nemo**. Tradução de José Francisco Meira Filho. Campinas: Papirus, 2006.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G.H.**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PLATH, Sylvia. **The Unabridged Journals of Sylvia Plath**. Edited by Karen V. Kukil. New York: Anchor Books, 2000.

ROSA, Hartmut. **Ressonância: uma sociologia da relação com o mundo**. Tradução de André Ramos Nascimento. São Paulo: Editora Ubu, 2019.

VERNANT, Jean-Pierre. **Mito e pensamento entre os gregos**. Tradução de Haiganuch Sarian. São Paulo: Paz e Terra, 2000.